



SOFTWARE EDUCACIONAL “MARABAIXADAS TECNOLÓGICAS”: UM ESTUDO DA CAIXA DE MARABAIXO E SUA APLICABILIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

JOACIANY DO CARMO NASCIMENTO*

RESUMO: O projeto de pesquisa intitulado Software Educacional “Marabaixadas¹ Tecnológicas”: Um estudo da Caixa de Marabaixo e sua aplicabilidade no Ensino de História, está em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História-PROFHISTÓRIA, a qual objetiva inventariar, com finalidades pedagógicas (INVENTÁRIO PEDAGÓGICO IPHAN, 2014), a Caixa de Marabaixo a partir de seus referenciais de Memória e Identidade através do uso de tecnologias educacionais. A proposta deste trabalho acadêmico é de trazer uma Metodologia do Ensino de História para o desenvolvimento do software educacional “Marabaixadas Tecnológicas” e que este agregue ao currículo (SILVA, 2007) da disciplina Estudos Amapaenses e Amazônicos (EAA, 2014), uma festividade bicentenária como é o caso do Marabaixo, com aportes metodológicos contemporâneos e suficientemente amplos e flexíveis. O presente artigo traz, em parâmetros iniciais, uma abordagem conceitual acerca dos referenciais de Memória e Identidade existentes na Caixa de Marabaixo, bem como as suas significações.

Palavras-chaves: Caixa de Marabaixo, Memória e Identidade.

ABSTRACT: The research project titled Educational Software "Technological Marabaixadas": A study of the Marabaixo drum and its use in the teaching of History is in progress in the master's programme in history-PROFHISTÓRIA, which aims to inventory the Marabaixo drum based on its references of memory and identity through the use of educational technologies with pedagogical purposes (INVENTÁRIO PEDAGÓGICO IPHAN, 2014). The proposal of this academic work is to bring a methodology of the teaching of History for the development of the educational software "Technological Marabaixadas" and that it adds a bicentennial celebration, such as in the case of Marabaixo, to the school curriculum (SILVA, 2007) of the school subject Amapaenses and Amazonian Studies (EAA), with contemporary, sufficiently broad and flexible methodological contributions. The present article presents, in initial parameters, a conceptual approach about the references of memory and identity existing in the Marabaixo drum, as well as its meanings.

Keywords: Marabaixo drum, Memory and Identity.

* Aluna do curso de Mestrado Profissional em História (ProfHistória) - UNIFAP. Especialista em Tecnologias na Educação pela PUC-RIO/2010. Licenciada Plena e Bacharel em História pela UNIFAP/2002. Professora de História na Escola Estadual Profa. Raimunda Virgolino. Email: joaciany@gmail.com

¹ Segundo Eloísa Sacaca, neta do Mestre Sacaca, Marabaixada é um termo usado para designar uma festa de Marabaixo com duração prolongada acima de seis horas. Geralmente é utilizado por pessoas que são iniciantes na festividade.



INTRODUÇÃO

Em Macapá (AP), o Ciclo do Marabaixo é comemorado todos os anos por grupos organizados que trabalham para manter vivas as tradições de matriz africana herdada de seus ancestrais. O evento que congrega dança, música e canto se tornou na atualidade, uma política pública cultural (BAYARDO, 2008) de promoção da identidade social (HOBBSAWN E RANGER, 1997) do Estado do Amapá a qual foi instituído pela Lei Estadual nº 0845/2004. O Marabaixo é uma manifestação típica do Estado do Amapá a qual está vinculada ao calendário oficial de datas religiosas de cunho cristão. Em Macapá, a festa é em honra do Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, tem início no Sábado de Aleluia e término no domingo após o Corpus Christi. Segundo Figueiredo e Smart (2010), o calendário da programação inclui rodadas de Marabaixo e batuque, missas, novenas, ladainhas, “cortejo afrodescendente”, preparação e degustação do tradicional caldo (cozidão de carne) e da gengibirra.

Na festividade podemos encontrar vários objetos que são ricos em Referencias do Patrimônio Cultural (INVENTÁRIO PEDAGÓGICO IPHAN, 2014) dentre estes temos a Caixa de Marabaixo a qual vem atravessando gerações e servem como rico catalizador de Memórias e de símbolo de afirmação da identidade negra. As Caixas possuem uma inegável importância para efeitos de pesquisa acadêmica no âmbito do Ensino de História por isso, precisam ser agregadas ao currículo (SILVA, 2007, p.101) como narrativa étnico racial possibilitando através de seu estudo, sistematizar o conhecimento histórico, a aprender a se comunicar sobre o passado, e a pensar historicamente o processo de ocupação negra no Amapá.

Para estudar a Caixa de Marabaixo este trabalho acadêmico adota como linha de pesquisa a corrente historiográfica denominada de Nova História Cultural se aportando nos conceitos de Memória de Maurice Halbwachs (2006) e Jaques Le Goff (2003), de identidade de Kathryn Woodward (2007), Stuart Hall (2007) e Tomaz Antônio Tadeu Silva (2007) e de Tecnologias da informação e comunicação (TICs) de Pedro Demo (2008) e Edgar Morin (2000), para inventariar, com finalidades pedagógicas (INVENTÁRIO PEDAGÓGICO IPHAN, 2014), a Caixa de Marabaixo a partir de seus referencias de memória e identidade através do uso de tecnologias educacionais. A proposta desta pesquisa encontra-se em andamento no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), na Universidade Federal do Amapá (Unifap). A proposta deste trabalho é de trazer uma Metodologia para o

*Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Amapá (Unifap)

**Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Amapá (Unifap)



Ensino de História que contemple o desenvolvimento do software educacional “Marabaixadas Tecnológicas” e que este agregue ao currículo no Ensino médio, estudos de Memória e Identidade, de uma festividade bicentenária, com aportes metodológicos contemporâneos e suficientemente amplos e flexíveis.

A CAIXA DE MARABAIXO E SEUS REFERENCIAIS DE MEMÓRIA E IDENTIDADE

A Caixa de Marabaixo em sua versão moderna, é um instrumento musical de origem europeia que foi criado no século XV para ser utilizada como marcador de marcha militar. É possível que os primeiros contatos da ancestralidade marabaixeira com a Caixa e sua posterior incorporação na forma contemporânea, tal como é utilizada hoje na festividade, venha “da convivência dos primeiros negros com a rotina militar da Fortaleza de São José de Macapá”² e a influência que exercia esse instrumento como marcação de ordem para ditar os ritmos do trabalho escravo. De fato, o som da Caixa a princípio lembra a marcação militar porém, quando observamos mais atentamente a sua função no contexto histórico da dança, da música e o canto, o som do toque das caixas de Marabaixo evoca a memória coletiva (HALBWACHS, 2006) a ancestralidade africana e os mecanismos de resistência negra a escravidão.

Do Sacaca, filho do mestre Sacaca, uma das personalidades mais ilustres e tradicionais do Marabaixo no Bairro do Laguinho, afirma que “aprendeu a tocar e a fazer Caixas de Marabaixo ainda muito jovem com seu pai”³. Segundo ele “o toque tradicional das Caixas, emite um som sequenciado de reprodução onomatopaica *Tum-ca-ti-ca-ti-ca Tum*, mas que dependendo da comunidade onde está sendo tocado o Marabaixo existe variações de som, de ritmo e de cadência”⁴. Apesar dessas nuances quanto ao toque o seu significado evoca a memória coletiva (HALBWACHS, 2006) o som das grossas correntes que aprisionavam os pés dos escravos. Esses conhecimentos minuciosos acerca do som das Caixas foi algo que Do Sacaca relatou que aprendeu de forma autodidata, após conviver com a manifestação e conhecer o ofício de tocar a Caixa com seu pai.

² IPHAN. Dossiê do Marabaixo. Macapá, 2013a. p. 353. Disponível apenas em meio digital.

³ DO SACACA. Do Sacaca: depoimento. (março/2017). Entrevistadora: NASCIMENTO, Joaciany do Carmo. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado “Aonde tu vai rapaz por esses caminhos sozinhos? Vou conectar com o mundo, o Marabaixo do laguinho”. Marabaixadas tecnológicas no Ensino de História” do PROFHISTÓRIA/UNIFAP.

⁴ Idem.



No Marabaixo a arte de confeccionar Caixas é um importante ofício que envolve mestres do saber com conhecimentos tradicionais adquiridos desde a infância e repassados geração a geração assumindo um importantíssimo papel: de manter a coesão do grupo cristalizando na memória coletiva, através da oralidade, a afirmação de seu passado ancestral. Esses conhecedores da arte desse saber fazer Caixas, são mestres na transmissão dos conhecimentos tradicionais e tem no processo de confecção dos instrumentos, nos ensinamentos quanto ao toque e suas nuances, aporte na oralidade como o principal sustentador da memória coletiva no que diz respeito a evocação de um passado ancestral.

A memória como evocação de um passado ancestral foi objeto de estudos de Jaques Le Goff (2003). Ele afirma que na África, a estruturação social dos ofícios e dos “conhecimentos práticos, técnicos, de saber profissional” (2003, p. 371) são realizados por homens-memória chamados por ele de “genealogistas”, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, “tradicionalistas” considerados os verdadeiros responsáveis em guardar a memória da sociedade.

[...] Esta memória coletiva das sociedades “selvagens” interessa-se mais particularmente pelos conhecimentos práticos, técnicos, de saber profissional. Para a aprendizagem dessa “memória técnica”, como nota Leroi-Gourhan, “a estruturação social dos ofícios tem um papel importante, quer se trate dos metalúpicos da África ou dos da Ásia, quer das nossas corporações até o século XVII A aprendizagem e a conservação dos segredos dos ofícios joga-se cada uma das células sociais da etnia [...] (LE GOFF, 2003, p. 370)

A Caixa de Marabaixo é um importante elo de transmissão Protomemorial (CANDAU, 2012, p. 119), é um objeto que conserva bastante afetividade pelas gerações parentais pois é um forte ativador da resistência de matriz africana quanto ao seu traslado da África para o Brasil. A linhagem familiar dentro da festividade do Marabaixo, rememora através desse objeto (ANTONACCI, 2016), o direito que lhes foi tolhido na época da escravidão de cultivar seus deuses, assim, a manutenção das religiões de matriz africana tem íntima relação com este objeto. As conexões com suas divindades ancestrais só foram possíveis ser acessadas aqui no Brasil, porque esse instrumento servia como elo de rememoração com seus deuses, e com a história de luta pelos direitos de manter viva para as gerações posteriores, tudo aquilo que o processo de escravidão tentou lhes retirar.

[...] certas religiões conseguiram permanecer vivas é porque os iniciados vindos da África trouxeram sob formas de matrizes físicas alojadas na intimidade de seus músculos, os deuses e os ancestrais étnicos- de tal forma que era suficiente, na nova



terra, escutar de novo os leitmotiv musicais das divindades que se haviam encarnados entre seus corpos, para que a África despertasse e se expressasse novamente [...] (CANDAU, 2012. p., 120)

Essa memória genealógica e familiar (CANDAU, 2012) responsável em alicerçar a identidade do grupo tem nas reminiscências da Caixa um dos principais emblemas de conservação coletiva dos rituais da cultura afrobrasileira. No Marabaixo de rua, momento da festividade em que acontecesse o Cortejo da Murta, é possível claramente perceber que a Memória e a identidade do Marabaixo se fundam nos elos genealógicos de transmissão Protomemorial (CANDAU, 2012) das matrizes afroreligiosas. É um momento onde as matrizes africanas são conectadas através dos ritos de purificação espiritual simbolizados pelos varredura, feita pelos galhos de murta (DOSSIÉ DO IPHAN, 2013) e que neste caso, “o toque das Caixas segue um ritmo intenso, assemelhando-se as batidas do som do candomblé”⁵.

A dança e o som do toque das Caixas de Marabaixo também possui um conteúdo ancestral (DOSSIÉ IPHAN, 2013) traz a memória coletiva dos Marabaixeiros sentimento de tristeza, sofrimento e abandono vividos nas senzalas, estabelecendo conexões e os reportando a um passado histórico em comum. A memória genealógica (CANDAU, 2012, p. 140) neste processo de transmissão possibilita o compartilhamento de reminiscências coletivas através da “repetição de certos rituais e a conservação de saberes de referência, de recordações de lugares e objetos. A Caixa é instrumento que rememora a resistência ancestral daqueles que foram escravizados, daqueles que foram retirados de suas raízes, da luta para manter África viva nas lembranças de suas genealogias e trazendo ao som do toque das batidas:

[...] lamento pela morte dos que não completavam a travessia do oceano nos navios negreiros, o Marabaixo era entoado e cantado nas senzalas como forma de exorcizar o banzo, de modo que dançar com os pés arrastando, sem se levantarem do chão, refere-se aos pés acorrentados e que mesmo em face dessa situação degradante, havia motivo de celebrar a vida, cujas histórias iam se convertendo em música para seu melhor lembrar, e a história dos negros foi sendo desde então dançada. (INVENTÁRIO IPHAN, 2013, p. 14)

As heranças das tradições orais africanas trazidas nos corpos de cantadores durante a diáspora transatlântica, contem narrativas de corpos e danças que se tentou silenciar durante o processo de escravidão (ANTONACCI, 2016). Mesmo sendo apartados de suas cosmologias

⁵ IPHAN. Inventário das referências culturais do Marabaixo do Amapá. Macapá, 2013. p. 5. Disponível apenas em meio digital.



a musicalidade e a sensibilidade musical dos negros resistiu em seus corpos através de suas danças e da memória sonora de seus instrumentos musicais. A caixa de Marabaixo possui reminiscências sonoras que reportam as narrativas de fuga, a melancolia do banzo e a conexão cósmica com suas matrizes de ascendência africana. O corpo e a dança do negro no contexto da escravidão, foi estigmatizado, transformou as diferenças culturais em marcas de inferioridade, e que se constituem hoje, no seio social, em práticas que tentam inferiorizar a identidade negra. Antonacci (2016) enfatiza que nos corpos negros e nas memórias sonoras de seus instrumentos musicais podemos encontrar:

[...] a sensibilidade musical dos pretos, a destreza e habilidades de seus instrumentos de corda e percussão. Todavia, avaliando essa herança em termos de tendência musical, em que “o escravo nosso cantava pelo prazer de cantar”, refez silêncios em torno de suas culturas acústicas. Sem propor sentidos a sua “bagagem musical armazenada de saudades do outro mundo- de onde trouxeram os escravos seus tambores, flautas, agogôs, afofiês, tabaques, marimbas. (ANTONACCI, 2016, p.157)

A Caixa também é um dos mais importantes ícones gráficos que representa o Marabaixo em fotos, banners, desenhos, faixas, e nas divulgações dos eventos e nas estampas dos logotipos das camisas dos grupos, ela é sempre utilizada como símbolo que marca visualmente a identidade dos Marabaixeiros (PEREIRA, 1951). Na associação folclórica Marabaixo do Pavão localizada no Bairro do Lagunho, lócus desta pesquisa, o letreiro de identificação do local possui várias imagens de Caixas de Marabaixo dispostas e que se harmonizam visualmente entre as cantadeiras, dançadeiras, tocadores e com a nova geração do Marabaixo. Ao centro do letreiro, rodeado pelas imagens de Caixa está um dos principais precursores da festividade no Estado do Amapá: a imagem de Mestre Pavão.

A relação visual que as Caixas estabelecem no letreiro da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, com um dos antepassados mais representativos da festividade, deixa claro, que ela se tornou uma marca visual, um símbolo de identidade, que vem atravessando gerações dentro do Marabaixo. Não é à toa que as Caixas ganham no letreiro um lugar de destaque ao lado de Mestre Pavão pois, como marca visual de identidade elas “estão ali para fazer reverência à ancestralidade que põe em cena, a singularidade da ocupação negra do Amapá.”⁶. De acordo com Kathryn Woodward e Stuart Hall (2007) a principal característica

⁶ IPHAN. Inventário das referências culturais do Marabaixo do Amapá. Macapá, 2013. Disponível apenas em meio digital.



da identidade é que ela é relacional e se aporta na diferença, ou seja, é um processo contrastivo, e se faz presente por meio de símbolos.

[...] a identidade é, na verdade, relacional e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente as outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, o sistema representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados [...]) (HALL, 2007, p. 13)

A caixa de Marabaixo, por exemplo, simboliza a afirmação da identidade negra quanto ao seu passado histórico. No caso do letreiro da Associação Folclórica Marabaixo do Pavão, a imagem de mestre Pavão junto das imagens de Caixas de Marabaixo faz uma associação entre a identidade da pessoa e, as coisas que essa pessoa usava (HALL 2007, p.10). Assim, a afirmação da identidade mediante o seu passado histórico precisam de elementos materiais que ratifiquem que os seus antepassados partilhavam dos mesmos ritos e celebrações. A Caixa como uma das mais importantes marcas de identidade do Marabaixo se tornou um símbolo de identificação dos marabaixeiros podendo ser vista em imagens nas associações, nas comunidades e nos salões de festas durante todo o Ciclo do Marabaixo sempre se reportando aos personalidades mais ilustres da festividade (INVENTÁRIO IPHAN, 2013). Para Stuart Hall (2007) a identidade também faz reivindicações quanto ao seu passado histórico como forma de marcar a sua diferença, de mostrar aquilo que a distingue do outro.

Um das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio de apelos a antecedentes históricos. Os sérvios, os bósnios e os croatas tentam reafirmar suas identidades, supostamente perdidas, buscando-as no passado, embora ao fazê-lo, eles possam estar realmente produzindo novas identidades. Por exemplo, os sérvios ressuscitaram e descobriram a cultura sérvia dos guerreiros e dos contadores de histórias – os Guslars da Idade Média – como um elemento significativo de sua História, reforçando por esse meio, suas atuais afirmações de identidade. (HALL, 2007, p. 13)

Um outro elemento importante que marca a identidade por meio da diferença (HALL, 2007) são as expressões orais (SILVA, 2007) através de seus sistemas de significações. A identidade como “significado cultural socialmente atribuído”⁷ está diretamente ligada aos sistemas de representação. A representação neste sentido é sempre uma marca, um traço visível

⁷ SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos da identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. 10ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 89.



externo que se apropria por meio de sistemas de signos (SILVA, 2007, p. 90). A caixa de Marabaixo é a principal fonte de inspiração para a composição das letras dos ladrões. Os ladrões são letras de músicas que são cantados em forma de versos e abordam histórias e querelas cotidianas da comunidade negra. Por trás de cada um desses signos linguísticos encontramos sentimentos de afirmação da identidade negra, de lamento, alegria, luta, crenças e costumes.

Danniela Ramos, compositora do ladrão “Que Negra Tão Linda”, ao descrever o que significa a letra, nos indica pistas da importância que as Caixas de Marabaixo exercem no processo construtivo do ladrão. Segundo a autora a letra da composição “reflete a beleza do negro, em especial da negra quando adentra ao salão do Marabaixo “(...) o rufar dos tambores, aquilo mexe com o coração de cada uma de nós, e a gente se empolga, a gente se orgulha de estar ali, de dançar, e de amar essa tradição que é o Marabaixo”⁸. Podemos perceber, a partir desse relato, que o sentimento de afirmação da identidade negra se completa com o toque da caixa, com “o rufar” dos tambores. Segundo Silva (2007, p. 90) “é por meio da representação que a identidade e a diferença adquirem sentido”⁹ representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, a “identidade é isso”.

A Caixa de Marabaixo é o único instrumento musical que acompanha os ladrões. As letras das composições abordam os mais diversos temas desde histórias e querelas cotidianas até narrativas históricas (WHITE, 2001) da comunidade negra cristalizadas na memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Atualmente, as questões contemporâneas inspiram também a composição dos ladrões que valorizam além da identidade negra, à conservação ambiental, a proteção aos rios, às florestas e animais. Nas letras dos ladrões encontramos narrativas que revelam hábitos simples do cotidiano de uma Macapá do início do século XX, composições que ao toque da caixa, ganham todo um significado especial na memória coletiva (HALBWACHS, 2006) como por exemplo, neste ladrão:

É de manhã, é de madrugada
Vamos tirar leite
Sá Dona
Da vaca malhada [...]

⁸ IPHAN. Inventário das referências culturais do Marabaixo do Amapá. Macapá, 2013. p. 56. Disponível apenas em meio digital.

⁹ SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos da identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. 10ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 90.



No trecho da narrativa deste ladrão de Marabaixo podemos perceber implicitamente que o toque das Caixas tem o poder de inspirar composições que ativam na memória coletiva (HALBWACHS, 2006) lembranças que parecem ser simples hábitos mas que “são verdadeiros quadros sociais de memória”¹⁰ os quais são ativados através do sentido audição. Cada toque, cada batida, tem poder de inspirar novas composições mas também, de rememorar outras já existentes. Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória é uma processo de construção social onde o indivíduo carrega em si a lembrança, e que por mas que parecem ser apenas individuais elas são fruto de uma processo de construção coletiva já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”¹¹.

Halbwachs (2006) considera existir uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, o ato de recordar para o indivíduo está ligado ao grau de identificação com o grupo, visto que não será possível ao indivíduo recordar de lembranças de um grupo com o qual suas lembranças não se identificam.

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos eles apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

As Caixas de Marabaixo também são fontes de inspiração para a construção de ladrões que narram momentos históricos e que se constituem verdadeiros quadros sociais de memória (HALBWACHS, 2006) e até hoje estão presentes na memória coletiva. São letras que produziram narrativas históricas resultantes de experiências coletivas na cidade de Macapá através das Lembranças e do contato com as pessoas que também viveram a experiência, ou a partir dos lugares em que elas aconteceram permitindo até hoje, a rememoração desses fatos. Um dos principais ladrões da história do Marabaixo conta um importantes momentos históricos da cidade de Macapá, quando o Amapá se tornou Território (1943) e Janary Gentil Nunes foi designado governador. Este ladrão aborda o deslocamento das famílias de descendentes de escravos que moravam nas proximidades da Igreja de São José de Macapá na década de 1940, para bairros mais afastados, em virtude da reforma urbana feita no centro da cidade de Macapá,

¹⁰ HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 30.

¹¹ Idem.



pelo Governador Janary Gentil Nunes (LOBATO, 2013, p.79). Os versos de “Aonde tu vai rapais [sic]” é um dos *Ladrões* mais emblemáticos que contam um pouco dessa história gravada na memória coletiva.

[...] onde tu vai rapais
Por esses campos sozinho
Vou construir minha morada
Lá nos campos do Laguinho
.....
A Avenida Getúlio Vargas
Tá ficando que é um primor
Essas casas foram feitas
P’ra só morá os douto
(PEREIRA, 1989, p. 103)

Diante de tudo isso o que, mas dizer sobre a inegável importância que a Caixa de Marabaixo possui? Seja na arte de tocar as Caixas, no ofício de fazer, a inspiração delas para a composição dos ladrões, ou até mesmo enquanto forma de símbolo da identidade negra, ela se faz presente, é uma tradição que atravessa gerações. Segundo Mônica do Socorro Ramos, filha do mestre Pavão, um dos principais fundadores no bairro do Laguinho, do Grupo Raimundo Ladislau, seu pai lutou pela introdução do Marabaixo no currículo (SILVA,2007) das escolas . E preparou sua filha para sua sucessão conforme, pode ser evidenciado no relato abaixo.

[...] Eu não gostava muito de Marabaixo, queria era dançar o brega mesmo, e ele me sentou do lado dele e disse: para com isso, brevemente estou indo embora e preciso deixar alguma pessoa para me substituir no Marabaixo. Somos seis filhos: Ana, Paulo Sérgio, Raimundo Lino Filho, Gerson, Felícia e eu que sou a caçula. Ele falava: hoje você é quem vai fazer a gengibirra (...) e eu ali desconfiada e ele me levava para as apresentações do lado dele, me ensinava a cantar, a bater caixa... aí ele me colocou para estudar, para fazer História, fiquei três semestres e eu não gostava e saí e fiz pedagogia e me tornei professora. Ensinou-me a cortar o mastro, a tirar a murta. Aprendi com ele a lutar, ele me ensinou que quando a gente mais trata uma pessoa bem, mais ela volta. E agora estou passando para os meus filhos, todos estão batendo caixa, três estão cantando, e assim estamos levando para frente. (Mônica do Socorro Ramos) (INVENTÁRIO IPHAN, 2013, p. 342)

Uma das mais importantes lições do Marabaixo que podem ser levadas para o Ensino de História Local (BITTENCOURT, 2008), diz respeito aos valor atribuído aos ensinamentos dos anciãos, e a posição de destaque que os genealogistas locais possuem dentro da festividade. A Caixa de Marabaixo e seus referencias de Memória e Identidade nela contidos, ainda são resguardados na festa, porque os mais velhos passam esses ensinamentos aos mais jovens para que os mesmos deem continuidade. Valores como “tomar a benção”, o ouvir com



atenção as suas narrativas, as suas experiências de vida e saberes, ainda se fazem muito presentes no Marabaixo através da figura da matriarca ou do patriarca. Porém, são valores que externos a festividade necessitam serem revistos principalmente dentro da Educação Básica, pois com o avanço das sociedades modernas (BENJAMIN,1987) cada vez mais estão se perdendo, e se refletem, dentro do processo de Ensino, na perda da figura de respeito ao papel atribuído ao professor. Bossi (1994) salienta que os ensinamentos dos velhos são um fator essencial para a rememoração uma vez que:

[...] Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança a plenitude: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos tem de se tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar [...] (Bossi, 1994, p. 74)

É por todas essas potencialidades, que as Caixas precisam ser agregadas ao currículo (SILVA, 2007, p. 101) como narrativa étnico racial (CUNHA JR, 2001). Assim, carecem de Metodologias que contribuam com o uso das tecnologias educacionais (DEMO, 2008) em diferentes aspectos e níveis em que as Metodologias do Ensino, pautadas em materiais didáticos não multimídias, tem dificuldades em conseguir fazer hoje em sala de aula. A proposta da construção de uma Metodologia do Ensino de História para a elaboração do software educativo “Marabaixadas Tecnológicas” é de trazer estudos sobre a Caixa de Marabaixo para sistematizar do conhecimento histórico, a aprender a se comunicar sobre o passado e a pensar historicamente (HARTOG, 2014) o processo de ocupação negra no Amapá. Esperamos trazer como resultado um estudo detalhado, analítico e descritivo sobre a manifestação do Marabaixo, utilizando uma festividade bicentenária, com aportes metodológicos contemporâneos e suficientemente amplos e flexíveis

O software “Marabaixadas Tecnológicas” tem o intuito de trazer nuances que são somente perceptíveis em matérias didáticos baseados naquilo que a memória viva ainda os testemunha e que envolve e marca todo o cotidiano das comunidades do Bairro do Laguinho, na sua preparação, na sua expectativa e nas suas memórias. Esperamos que este trabalho de pesquisa possa fornecer uma estrutura minuciosa não apenas dos referenciais de memória e identidade contidos na Caixa de Marabaixo, mas da própria compreensão da condição humana (DEMO, 2008), quanto a luta da comunidade negra em manter o Marabaixo no rol das



principais manifestações culturais do Brasil (INVENTÁRIO DAS REFERÊNCIAS CULTURAIS DO MARABAIXO DO AMAPÁ, IPHAN, 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYARDO, Rubens. Políticas culturales en la Argentina. IN: RUBIM, Antônio Albino C. e BAYARDO, Rubens. Políticas Culturais na Ibero-América. Salvador: 2008, EDUFBA.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: Walter Benjamin – Obras escolhidas, vol. 1: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de história: fundamentos e métodos. Coleção docência em formação. Série ensino fundamental. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia

CANDAU, Joël. O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber. In. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2012. p. 105-136.

CUNHA JR., Henrique. Africanidade, Afrodescendência e Educação. Educação em Debate, Fortaleza, Ano 23, v. 2, nº 42, 2001.

DEMO, Pedro. Habilidades e competências no século XXI. Porto Alegre: Mediação, 2010.

FIGUEIREDO, Dora; SMART, Raphaela. Marabaixo: Dança tipicamente amapaense. Disponível em: <<http://ecografismoap.blogspot.com/2010/06/marabaixo-danca-tipicamente-amapaense.html>>. Acesso em: 28 set. 2010.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Tradução de Andréa S. de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques. Memória e História. Campinas: Unicamp, 2003, p. 419-477.



LOBATO, Sidney da Silva. A cidade dos trabalhadores: insegurança estrutural e táticas de sobrevivência em Macapá (1944-1964). Tese de doutorado. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013. 239p.

MARIA ANTONIETA ANTONACCI, Memórias ancoradas em corpos negros. São Paulo: EDUC, 2013.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Informativo Eletrônico da Secretaria de Educação Média e Tecnológica SEMTEC-MEC – Ano 1 – Número 4 – junho/julho de 2000.

PEREIRA, Nunes. O sahiré e o marabaixo: Tradições da Amazônia. Contribuição ao Primeiro Encontro Brasileiro de Folclore. Rio de Janeiro: Gráfica Ouvidor, 1951.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos da identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. 10ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs.). Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 13ª ed. – Petrópolis: Vozes, 2013.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correa de Franca Neto. 2 ed. Editora da USP: São Paulo, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FONTES

AMAPÁ. Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Amapá. Secretaria Estadual de Educação, 2014.

AMAPÁ. Estudos Amapaenses e Amazônicos. IN: AMAPÁ. Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Amapá. Secretaria Estadual de Educação, 2014.

BRASIL. PCN. Parâmetros Curriculares Nacionais: história. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DO SACACA. **Do Sacaca**: depoimento. (março/2017). Entrevistadora: NASCIMENTO, Joaciany do Carmo. Entrevista concedida ao Projeto de Mestrado “‘Aonde tu vai rapaz por esses caminhos sozinhos? Vou conectar com o mundo, o Marabaixo do laguinho’. Marabaixadas tecnológicas no Ensino de História” do PROFHISTÓRIA/UNIFAP.



IPHAN. Dossiê do Marabaixo. Macapá, 2013a. Disponível apenas em meio digital.

IPHAN. Inventário das referências culturais do Marabaixo do Amapá. Macapá, 2014b. Disponível apenas em meio digital.